

NOSSOS AMIGOS, OS CÃES

Muitas famílias, mesmo as que residem em apartamento, têm um ou dois cães de estimação, muito bem tratados e cuidados. Sei que as de maior poder aquisitivo costumam despender, com seus mimosos cãezinhos de raça, elevados gastos em dinheiro para mantê-los sempre bonitos e perfumados. Mas até os menos abonados, inclusive os sem teto, possuem quase sempre um cão que os acompanha. Sei de um morador de rua que se recusava a ir para abrigo público, onde receberia cuidados pessoais, alimentação de boa qualidade e cama limpa para abrigá-lo do frio, se seu mulambento “pet” de estimação não pudesse acompanhá-lo. Só não sei se o cãozinho também recebia algum trato. Acho que deveria receber.

O que poucas pessoas sabem é que os cães possivelmente descendem de lobos domesticados. Teria sido uma população de lobos-cinzentos de algum lugar da Europa ou da Ásia que, aos poucos, tornaram-se menos agressivos com humanos e até passaram a conviver com eles. Mas quando e onde isso aconteceu continua sendo um mistério. Segundo estudos publicados pela conceituada revista Nature, os cães já estavam espalhados pelo mundo há cerca de 14.200 anos, antes mesmo do surgimento da agricultura que provocou, como se sabe, uma grande migração de pessoas. Os cães, contudo, continuaram a prestar serviços de guarda, a auxiliar caçadores de todas as épocas e provavelmente a brincar com crianças, como fazem até hoje.

Todas essas conclusões só foram possíveis através do exame do DNA de fósseis de cães encontrados em várias partes do mundo. É a tecnologia desvelando a história da humanidade e surpreendendo-nos muitas vezes. Como essa fascinante história

ainda não está completa, é o caso de se perguntar, que surpresas mais o futuro nos reserva?

Muitas cidades, não só no Brasil mas também em outros países, têm um grande número de cães vadios, que vivem revolvendo lixeiras à procura de comida e vagando pelas ruas e praças em busca de abrigo para dormir e se defender da chuva e do frio. Recordo-me de que, na minha infância, o poder público municipal cuidava do problema apanhando, com as temidas “carrocinhas”, esses pobres cães que, se não fossem resgatados por seus donos - nem todos tinham dono - em determinado tempo, eram impiedosamente sacrificados.

Diferente do que ocorre hoje, em que os animais são levados para abrigos à espera de que sejam adotados. Também existem muitas ONGs de pessoas voluntárias, geralmente mulheres, que cuidam desses cães, curam-lhes as feridas e doenças e os colocam para adoção pelas redes sociais, depois de vacinados e castrados. Mesmo estando os abrigos superlotados e sem perspectivas razoáveis de adoção dos mais velhos, continuam eles abrigados. Pelo menos é o que me consta.

Vale lembrar que é muito importante a castração se eventualmente continuarem soltos, a fim de que não se reproduzam e dessa forma aumentem essa indesejável “população” de cães de rua.

Conheço bem o trabalho dessas abnegadas mulheres que se preocupam com os cães, removendo-os dos espaços públicos, até porque uma delas é minha própria filha, e sei com que amor e dedicação cuidam do problema, enfrentando enormes dificuldades, inclusive financeiras.

Em nossa casa, a Cloé, barulhenta pretinha vira-lata, foi resgatada de angustiante situação em que vivia presa, vejam só, com uma corrente curta que lhe tolhia completamente a

liberdade, e a Lola, uma linda e mimosa cadelinha “shitsu”, resgatada da rua onde sobrevivia sabe-se lá como. Hoje são a alegria do lar, têm camas fofas e limpas e recebem alimentação adequada. Dão-se muito bem, são amigas, desde que uma não ameace comer a comida da outra.

Erasmus sempre afirma que os animais são também nossos irmãos, embora inferiores na escala evolutiva, pois fazem parte da obra divina da criação. Sofrem conosco, adoecem conosco, alegram-se conosco. São incapazes de nos fazer mal, mesmo que façamos mal a eles, porque ainda há - até quando, meu Deus? - pessoas insensíveis que os maltratam.

Erasmus, como acontece nesses assuntos, tem sempre opiniões bem colocadas, sensatas e equilibradas. Vocês que me leem, também não acham?

Viganó
darly.vigano@gmail.com